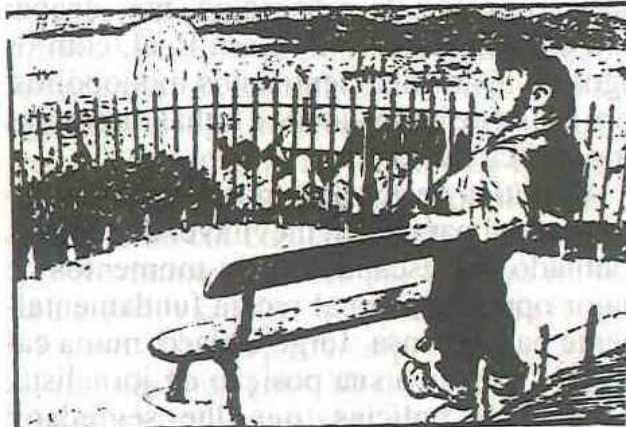


A VERDADEIRA SITUAÇÃO!



O Zé, a vér fogo de vislas no Alto de Santa Catharin

Fim de um regime, início de um século

Oswaldo de Sousa

Com 1900 acaba um século, começa a «Paródia», o testamento de um estilo de humor, um estilo de política, uma porta para um novo século, e novos humoristas. «A Paródia – dizêmo-lo nós sem receio de ser imodestes, somos todos nós. A Paródia é a caricatura ao serviço da grande tristeza pública. É a Dança da Bica no cemitério dos Prazeres.»

Nada mudava na paisagem, mantinha-se a tristeza do Zé, a paródia na política nacional, os adiantamentos ao rei... apenas o descontentamento se alargava a novos sectores. O Partido Republicano já estava representado no Parlamento, mas a opressão apertava o cerco às liberdades de pensamento, de imprensa.

Para além da «Paródia» de Raphael Bordalo Pinheiro e Manuel Gustavo, em 1900

surgiu «O Chinelo», de Francisco Valença, um artista que poderemos considerar como o sucessor de Raphael no reino do humor português, pela longevidade e persistência de trabalho, por ser o mais fiel e digno continuador do seu grafismo, por ser um mestre que perfilhou muitos jovens humoristas.

Outra grande figura destes anos do início de século foi Jorge Colaço, director e desenhador do «Suplemento Humorístico do Século», um espírito crítico e atento às manobras políticas de um regime em desespero.

Valença, em dois trabalhos separados, caracterizaria os dois momentos síntese em que se resume esta primeira década do século, e última do regime: «Nós somos três – Quero, Posso e Mando – três poderes distintos num só regime verdadeiro». São eles o Clero, na figura do prior da Lapa, a opressão

policia na figura do Juíz Veiga, e a prepotência política na figura do Hintz, Luciano... O segundo momento é a consagração do «S. P. Q. R.» na procissão governamental, o Sabre, o Pau, a Querela e o Revólver, empunhados por João Franco, o S. João Baptista que viria anunciar a salvação do regime pela ditadura, mas que o precipitou para a derrocada, motivando a união entre monárquicos e republicanos. A certo momento já não era importante a questão da monarquia, mas acabar com o esbanjamento da Casa Real, com os jogos de apadrinhamentos nos monopólios, com a falta de honestidade e linhas directoras na política nacional.

A política nestes dez anos foi um caminhar gradual para o fim inevitável do regime, pontuado por escândalos, ou momentos de maior opressão, a qual recaía fundamentalmente na imprensa. Jorge Colaço, numa caricatura, retrata a sua posição de jornalista, rodeado de polícias, que lhe segredam: «Escreva o que quiser, sr. jornalista, que nós cá estamos!...»

Nesta primeira fase vamos falar de quatro humoristas que iniciaram as suas carreiras neste período, e que por isso foram intervenções importantes.

Jorge Colaço

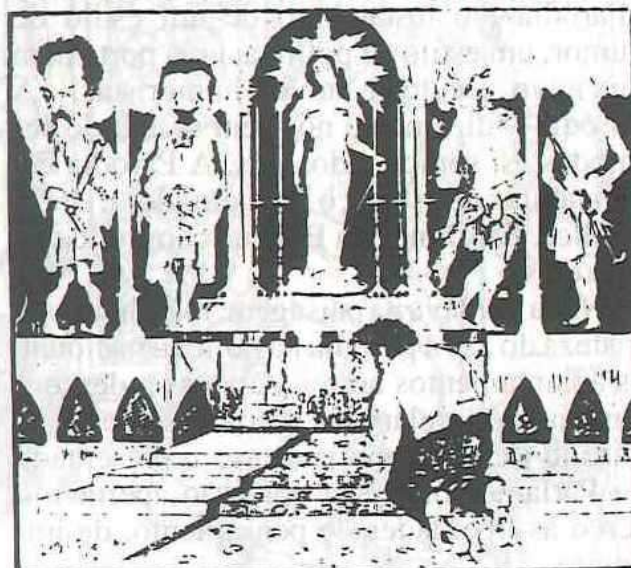
Quando se passa pelas velhas estações de caminho-de-ferro, o azul e branco dos azulejos retratam recantos pitorescos da nossa paisagem, ilustrando episódios da nossa história, chamam-nos a atenção. São obras que fixaram uma certa forma de decoração nacional, obras que devem a sua redescoberta a um grande artista de humor, Jorge Colaço.

Os Colaço eram uma família portuguesa radicada em Marrocos há vários séculos, e onde várias gerações mantiveram o Consulado Geral, ou seja, eram agentes diplomáticos de Portugal. Apesar destes cargos oficiais, o pai do nosso artista, o primeiro barão de Colaço e Macnamara, era também um homem dedicado às artes da pintura e caricatura. Perante estes antecedentes é natural uma predisposição para as artes manifestada desde jovem em Jorge Colaço.

Tendo nascido em Tânger em 1868, veio para Lisboa fazer os estudos liceais. Terminados estes, e como as nossas Belas-Artes



Santa semana Republicana



O Zé (abalando no barrigo) - Muita culpa! Muita culpa! - Muita grande culpa - de ter que os "gambir"!

Ano I - N.º 13

Linha 11 de Março de 1912



AGUENTA PÁBERM!!!



Tenho que ganhar todos os mirchizes que me queiram imprimir

Ano I - N.º 19

Linha 27 de Abril de 1912



Na Rua do Capelão



Que não sofreu alteração, depois da Revolução apesar da "Lei da Separação"...

não estavam tão belas como isso, partiu para Madrid, onde estudou com Laroche e Fontan. Em 1886, e graças ao apoio do conde Daupias, parte para Paris, procurando aprender os segredos do naturalismo com o mestre espanhol Carmon.

Em Paris permaneceu sete anos, estudando e trabalhando. Como pintor conseguiu expor uma tela no Salon de 1893, o que é um autêntico êxito. Colocar uma obra num Salon era o sonho de todo o artista, já que significava ser aceite por um júri académico, era uma forma de consagração. Por outro lado também teve êxito no âmbito caricatural, ao conseguir trabalho no jornal «Le Figaro».

Até então não tínhamos tido notícias da sua arte de caricaturista, mas é natural que sob a orientação de seu pai, e como fruto do seu espírito satírico, sempre a tenha feito. O «Figaro» era um jornal importante e para um português, nos anos 80 do século passado, entrar como seu colaborador, era um facto extraordinário. Além disso, creio que Jorge Colaço foi o primeiro caricaturista português a trabalhar, como colaborador permanente, num jornal francês.

Sete anos permaneceu em Paris, teve «êxito» na pintura e na caricatura, mas o espírito de Jorge Colaço ainda não tinha encontrado a sua tranquilidade, ou seja, a razão do seu futuro. Em 1893 vêmo-lo ingressar na carreira diplomática, como vice-cônsul de Portugal em Tânger, para logo em 96 voltar para as artes.

Passando por Lisboa, é convidado para dirigir o «Suplemento Humorístico do Século», lugar que aceita. O director conjuga então o trabalho com o caricaturista de êxito. Um dos factores do seu êxito, para além do humor acessível, era o seu traço filiado no movimento estético predominante, ou seja, o raphaelismo, liberto porém de alguns barroquismos.

Como director do suplemento do «Século» permaneceu dez anos (1897-1907), publicando posteriormente os seus trabalhos em jornais como o «Dia», «Voz», «Fradique»... Em 1913 fundaria o seu próprio jornal, o «Thalassa», mas só sobrevivia dois anos.

Paralelamente, Colaço ia fazendo pintura, de temática histórica, por encomenda, e embrenhando-se cada vez mais na azulejaria. No princípio do século, a arte do azulejo

Director: Dr. Carlos de Azevedo
 Redacção: Rua do Ouvidor, 111
 Impressão: Off. Gráfica de Azevedo & Cia.
 Proprietario: Dr. Carlos de Azevedo

COZÉ

SEMPRE DE 20 REIS



Papagaio Real

A evolução d'um poixo ou o bacalhau na alta

<p>1880 60^o bKilo</p> <p>1881 — O salta de la unho, coho. Deixa de gente meli nome.</p>	<p>1905 240^o bKilo</p> <p>1905 — O salta de la unho, coho. Deixa de gente meli nome.</p>
<p>1890 100^o bKilo</p> <p>1890 — O salta de la unho, coho. Deixa de gente meli nome.</p>	<p>1913</p> <p>1913 — O salta de la unho, coho. Deixa de gente meli nome.</p>
<p>1895 180^o bKilo</p> <p>1895 — O salta de la unho, coho. Deixa de gente meli nome.</p>	
<p>1899 200^o bKilo</p> <p>1899 — O salta de la unho, coho. Deixa de gente meli nome.</p>	

22 — Viva a república!
 1913 — Em plena República, o bacalhau — o salta... Por-
 ta-se de outro, que outro! Que dare illud!

estava um pouco abandonada, mas o interesse de Colaço, o seu estudo de novos processos técnicos, a sua criatividade fizeram renascer esse interesse. É certo que nem sempre os painéis criados no seu estúdio foram excelentes, mas a culpa não foi sua, mas de um gaiato que, por preguiça, em vez de seguir os «cartões» desenhava nuvens por onde vagueava o seu espírito. Esse jovem era o Stuart Carvalhais que, nesse estúdio, observando o mestre a fazer os bonecos para o «Século», foi aprendendo as primeiras manhas do ofício, e pela sua mão iria entrar no mundo dos jornais.

Entretanto, Jorge Colaço o caricaturista de graça espirituosa mas cáustica, foi desaparecendo perante as encomendas de painéis ou telas. Viria a morrer com 74 anos, em 1942.

Alonso

Alonso é o pseudónimo de Joaquim Guilherme Santos Silva, um lisboeta nado em 1871, que foi mestre da Escola de António Arroio, decorador, ilustrador, bandadesenhista e caricaturista.



As festas da Cidade



Dizem os que o conheceram que foi na caricatura que mais fortemente definiu o seu temperamento artístico. Ele na verdade, possui uma capacidade narrativa intrínseca, imbuída de humor acessível e mordaz, num traço redondo, decorativo, entre alegorias e metáforas de irreverência irónica. O seu estilo está na transição entre o raphaelismo final (com influências da arte nova) e o modernismo. Não fosse a rápida evolução dos estilos nesse período, ele poderia ter-se imposto como um vanguardista. Assim não aconteceu, e a sua própria personalidade fechada não permitiu um maior contacto com o meio artístico-humorístico. Viveu modestamente a sua vida, e modestos são os dados biográficos deixados para a posteridade. Apenas ficaram as suas obras gravadas nos jornais, uma vasta obra como registo fundamental da política e sociedade do fim do regime e início do outro. Esses trabalhos podem ser vistos em periódicos como «Pasatempo» (1900-04), «O Arauto» (1901-02), «A Paródia» (1905), «Os Ridículos» (1905-29), «O Thalassa» (1913-15), «Almanaque Ilustrado de O Zé» (1915), «O Século» (1915), «Renovação» (1915-20), «A Batalha» (1925), «Os Grotescos», «O Espectro»... Viria a morrer em 1948.

Manuel Monterroso

A insatisfação humana é uma angústia que nos invade dia a dia, seja pela precipitação no tempo moderno, seja pela castração da profissão tecnizante. A procura de uma complementarização cultural é uma necessidade, e se as estatísticas fossem consultadas encontrar-se-ia um incrível paralelismo entre a medicina e as artes. Na verdade, muitos são os médicos que se têm refugiado, em tempos de lazer, na escrita, na pintura, na escultura, na história da arte ou na caricatura. Um médico eminente que ficou na história da caricatura foi Manuel Monterroso.

Tendo nascido em Amarante em 1875, manifestou cedo um interesse especial pela caricatura, e rezam as histórias que aos cinco anos a família foi surpreendida com uma excelente caricatura de uma sua prima.

Após a escola primária, em Amarante, iria para o Porto fazer os estudos liceais, e universitários, estes na Escola Médico-Cirúrgica.

A sua carreira profissional estava bem encaminhada, mas o que se passava com a caricatura? Os livros e as suas margens respondem, como testemunho directo, às suas divagações plásticas. Este «jeito» satírico não só lhe deu asas de escape nas horas de aborrecimento, como serviu de contrapeso para melhorar o seu orçamento estudantil, vendendo caricaturas «à la minuta».

Quem reinava então na caricatura era Raphael Bordalo Pinheiro, e seria precisamente ele que, por um acontecimento casual, levaria Manuel Monterroso para a publicação jornalística:

«Na ânsia de conhecer pessoalmente Raphael Bordalo Pinheiro, aproveitei ir a Lisboa a 20 de Março de 1900 fazendo parte de um agrupamento musical de estudantes do Porto, onde eu frequentava o 3.º ano médico.»

«... A simplicidade e a maneira sincera da minha visita de jovem estudante caíram-lhe no coração, sempre aberto a todos e a tudo que fosse bom, e criaram, logo, uma grande e especial amizade que durou toda a vida, fraternal estima como o mesmo declara quando se lhe falava de mim.»

«Agradecendo a minha visita com a sua caricatura e o meu perfil num pequeno papel, que guardo religiosamente, pediu-me para eu ser seu colaborador no jornal «A Paródia» então no seu primeiro ano.»

Assim, o caricaturista amador, passou para um «profissionalismo» possível nos jornais, ou seja, em «part-time». Após «A Paródia», continuou a publicar periodicamente em jornais, como o «Diário de Notícias», «O Século», «A Montanha», «A Capital», «ABC», «Ilustração Portuguesa», «Águia», «Sempre Fixe»... assim como na imprensa regional de Viana do Castelo, Ponte de Lima, Vila Nova de Gaia... etc. Um trabalho criador conjugado com o desenvolvimento em tertúlia, da incentivação artística, na formação de movimentos como os Fantasistas...

Porém, a caricatura e a arte prosseguia como fuga, complemento, já que a medicina foi desde sempre uma profissão em que ele se empenhou com engenho criativo e científico. Seria um médico eminente, estaria na comissão criadora dos Institutos de Medicina Legal, e exerceria as suas funções, até à reforma, no Instituto do Porto.

O ensino seria também uma das suas

ocupações profissionais, numa conjugação do conhecimento anatómico do médico com a arte, regendo a cadeira de Anatomia Artística e Higiene na Escola de Belas-Artes do Porto. Devido a estas múltiplas actividades profissionais, após um período intenso de colaboração caricatural nos jornais, os seus trabalhos foram rareando, sem contudo chegarem a desaparecer.

Em 1940 atinge a idade da reforma, retirando-se dessas actividades profissionais «reformistas», conseguindo agora a liberdade para se dedicar intensamente à arte, como ilustração de livros, à caricatura, o que fez por mais vinte anos. Os seus trabalhos podem então ser encontrados no «Comércio do Porto» e no «Tripeiro».

O seu traço pertencia à chamada escola raphaelista, mas desprendida do barroquismo, esvasiando a imagem pelo traço contorno, simplificando numa breve síntese a caricatura pelo espaço em branco.

A par do desenho, ele dedicar-se-ia à modelação de estatuetas, incluídas também numa visão caricatural e humorística.

Francisco Valença

«A Caricatura, seja ela pessoal ou política, fantasista ou anedótica, constitui uma expressiva e eloquente manifestação artística. Com uma vantagem: todos a compreendem, desde que não sejam cegos.» Isto é o desenho de jornal, uma forma de fazer jornalismo eloquente e expressivo. Isto foi a vida de um artista que dedicou toda a sua vida aos jornais.

Francisco Valença é o seu nome (autor também da citação anterior) e nasceu em Lisboa a 2 de Dezembro de 1882, os seus primeiros trabalhos saíram no «Chinelo», um jornal que ele próprio fundou e dirigiu em 1900, mas que só publicou 11 números. Nesta altura era facto corrente cada artista criar o seu jornal na tentativa de triunfar junto ao público, o que originava num constante rodopiar de falências e criação de novos títulos.

Estes seus primeiros desenhos, apesar de seguirem o traço de Raphael, não o seguiam no espírito, já estavam imbuídos de uma sátira agressiva, a qual o levaria várias vezes ao Governo Civil.

Depois do «Chinelo», colaborou em jor-



O cumulo da Ingratidão

Renegar a mãe que os explodiu...

(Não foram incluídos nos dois primeiros livros os indivíduos implacáveis em todas as circunstâncias.)

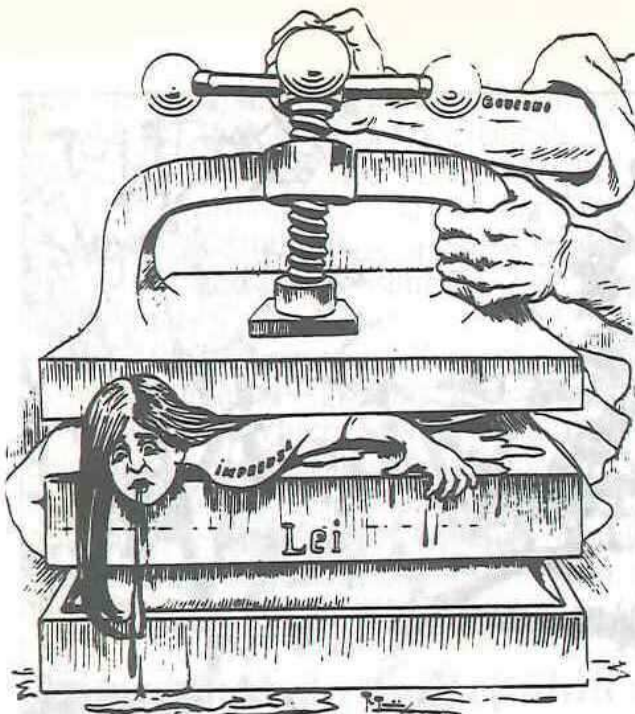
Das pinturas

nais como «Comédia Portuguesa», «Gafanhoto», «Supl. Século», «O Moscardo», «O Mundo», «A Capital», «Diário de Notícias», «Tiro e Sport», «Sátira», «Ilustração Portuguesa», «Espectro», «Arte Musical», «Alma Nacional»... mas de toda esta profusão de colaborações, três obras se destacam: Em 1909 Valença inicia a publicação dos «Varrões Assinalados», um álbum de glórias com caricaturas a cores publicado em forma de folhas soltas mensais. Um edição de qualidade que durante três anos apresentou uma série de individualidades nacionais caricaturadas pela pena de Valença e escrita de insignes escritores,

«O riso como o bocejo... e a tinta de copiar são comunicativos. Rimo-nos nós, vós, e eles. Foi tudo «raso» com «riso». E foi assim que a nossa «graça» caiu nas «boas graças» de toda a gente. Até a sisuda e ilustre Sociedade Nacional de Belas Artes, influenciada pelo nosso bom humor, vai modificar e actualizar a sua legenda bíblica. «No in solo pane vivit homo». Doravante a Vénus de Milo será substituída, no papel timbrado, pelas três graças, levando em português esta legenda correcta e aumentada: «Nem só de pão... de milho vive o homem, mas das palavras... do Catálogo Cómico.» São palavras de Carlos Simões o colaborador de outra das

Da Monarchia á Republica

III
BRITO CAMACHO



LEI DA ...FRENCA



Medico e jornalista Fundou a *Lucta* e só para ella vive. Para grèves graves tem graves soluções. Ironia e artigos de escacha.



«A mulher tem de procurar casa, quanto antes. Não tem para que se queira de outro modo que não seja da casa, sua atividade!»

São Bernardino, advogado dos consules



Deixae vir a mim os meninos... Batalhas que eu tenho mãos largas para amigos

UM PASSEIO HYGIENICO



Quem é mais sã, a mulher ou o homem, que vai passar, quem é?...



suas obras insignes de Valença: os Catálogos Cômicos da Exposição da Sociedade de Belas Artes. Estes apareceram pela primeira vez em 1913, e prolongaram-se por mais de dez anos. Nestes catálogos os quadros expostos eram satirizados pelo desenho de Valença, e a palavra de Carlos Simões.

Em 1926 apareceu o «Sempre Fixe», o jornal de humorismo mais importante do nosso século, e Valença tomará um lugar de destaque neste periódico: «Trabalho até quando os outros descansam aos domingos. pode tudo desertar, mas eu tenho de ficar debruçado sobre uma mesa para o “Sempre Fixe”».

A implantação da República

O rei e o príncipe herdeiro são mortos em 1908, seguidos pela queda do próprio regime em 1910. Sobre os dois eventos, o humor manteve-se calado, no primeiro por pudor, respeito e censura, no segundo por razões estranhas, talvez por os próprios caricaturistas estarem na rua, de armas na mão.

Não seria de estranhar esta participação, já que quase todos eles eram republicanos, com passado de lutadores, mas na verdade, após a «revolução» ganha, todos puderam afirmar que lutaram contra o regime deposto, «toda a gente esteve na Rotunda, e se por acaso não foi nos dias 4 e 5 de Outubro podia ter sido em qualquer outro dia». («O Intransigente», n.º 20 de 1/12/1910).

De um momento para o outro, o anterior regime ficou sem partidários, apenas uns reis, príncipes e ministros em fuga, e uns grupos no Norte a tentar fazer guerrilha.

Quanto ao «Júlio dantes monárquico» (in «Papagaio Real» de 14/4/1914 tornou-se ministro da República, político influente dos novos partidos republicanos, grande defensor da divergência ideológica com os outros partidos, defendendo a pureza do seu republicanismo, da sua democracia de pensar o País.

Um caso curioso: quem proclamou a República do alto do bastião oficial foram os políticos, e não os republicanos revolucionários da Rotunda, antecipando-se a qualquer reivindicação possível daqueles. Os profissionais da política «sabem» o que é melhor para o povo, para o País, para o regime. Este, mal nasce, leva de imediato um

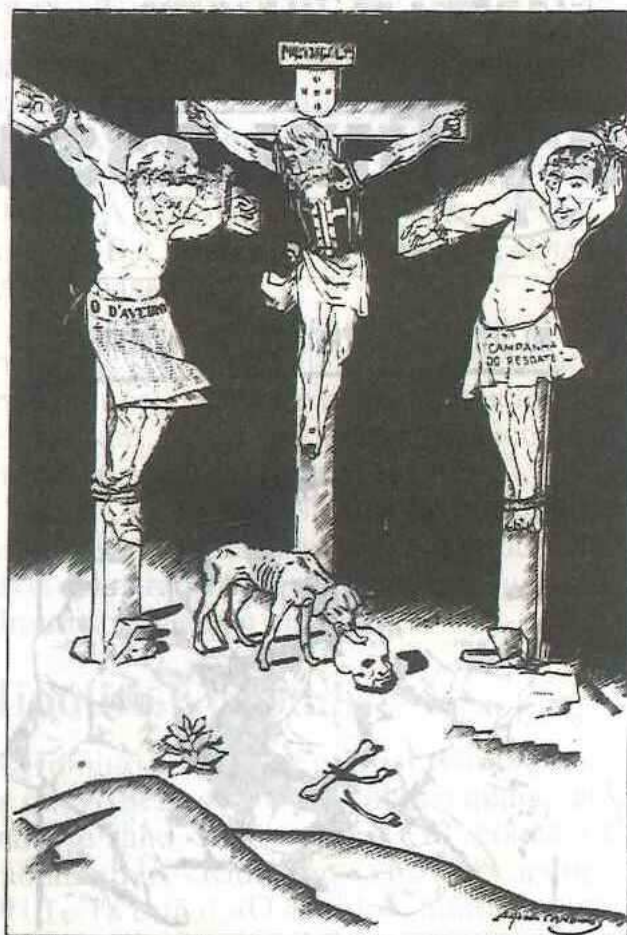
banho de adesivos, como do BCG e outros desparasitantes, sem contudo ocupar o espaço para os outros adesivos («Pobre filho! tão novo e já cheio de adesivos», in «O Intransigente» n.º 20, de 1-12-1910).

Eles, apesar de maleáveis e aderentes, são um espécime humano, por isso oportunistas, egoístas, racionalistas na conquista do Poder e dinheiro...

Eles são um espécime animal, por isso lutam pela sobrevivência sem sombra de remorsos, apenas uma ou outra lágrima de chacal. «Co'os adesivos (é) outro cantar: – Qual nuvem de vorazes gafanhotos – Que um campo inteiro acabam d'assolar – Roendo até os mais pequenos cotos – e que, ao verem a mesa levantar, – levantam voo pelos ar's ignotos – Para irem abater em outra estância – Onde haja de comer em abundância.» (Marco António, in República, Lisboa – 1913).

Prontos a desmascarar este espécime, e todos os males do novo regime estavam os humoristas, como por exemplo:

EST NUNC ET SEMPER



Portugal Cristificado... A historia repete-se!...

ZARZUELA CHICA OU OS "CHICOS," DA ZARZUELA



1 - A mi me llaman la "pelosa"!. 2 - A mi la de lavapiso! (isto é mentira) 3 - Yo soy la que hago pitillos!.. 4 - Y yo tengo uno palo pa todas las tres!..

O THALASSA

LISBOA, 6 DE MARÇO DE 1913

NO SEIO DA "FRATERNIDADE,, TRIUMPHANTE...



São elles que me obrigam a apparecer...

MOMENTOS E MONUMENTOS



Sobre a nudez forte da miseria,
O manto mentiroso do Superavil...

Alfredo Cândido

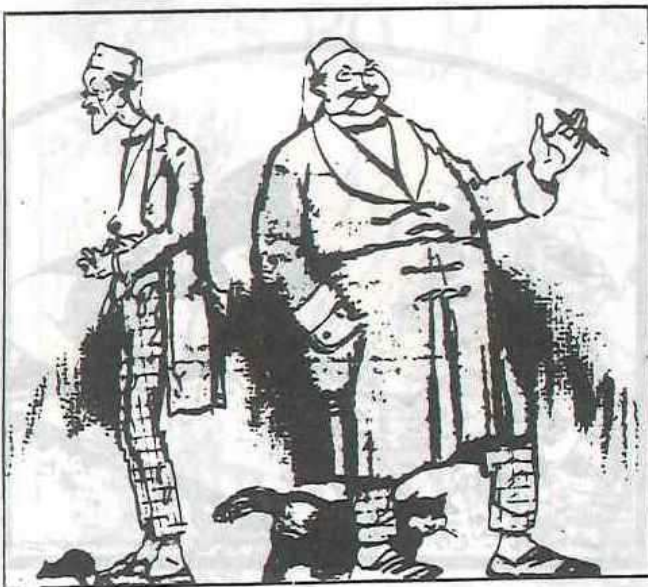
«Pouco se passou que não surgisse a maldita queda para os bonecos, o que me valeu sempre ser corrido das escolas. O primeiro desgraçado que conheci a manejar o lápis de Busch em danças macabras, foi morto à força de pancadaria, por causa d'uma caricatura. Estando depois empregado em casa d'um judeu de cara de mogno polido, fui inesperadamente posto na rua».

«Foi então que me fiz navegador e cheguei a atravessar as florestas incultas do Brazil, aonde fiz os meus estudos «d'après nature», pintando os retratos de vários surucureis que passaram graciosamente.»

«No Rio de Janeiro estreei-me no «Portugal Moderno» e d'ahi por diante uma caricatura representou sempre uma ameaça e uma espera, d'uma vez, foram suspensos três jornais e eu estive quasi a ser também definitivamente suspenso. Colaborei em quase todas as publicações do Rio e de S. Paulo.»

«— ... — Depois, (a minha inópia) só me recordo que fechei os olhos e fazendo-me ao largo, vim dar com os costados na Rocha de Conde d'Óbidos. Cá, meu amigo, nesta cidade das iscas, tenho errado pelas páginas do «Portugal-Brasil», do «Vira» e do «Novidades», deixando-me escorregar suavemente,

Antes e depois de tomar o chocolate da guerra



O comerciante:
— Eu antes da guerra era assim.

O mesmo:
— Depois da guerra estou assim e ainda hei-de engordar mais, se Deus quiser!

Açambarcamento, des. de H. Collomb
(SC, 3-XII-1917)

distraidamente, pela manteiga de muitos outros que o público alfacinha, ainda mais distraído, se dignou gramar.»

Desta forma se autobiografou Alfredo Cândido, em 1913, para o catálogo do II Salão dos Humoristas de Lisboa. Nascido no ano de 1879, em Ponte de Lima, estudou na Escola Industrial de Viana, mas seria a vida que lhe daria a escola necessária para caricaturista.

O Brasil foi um porto de muitas experiências, onde criaria jornais próprios como o «Teatro» e «Larva», e em Portugal viria engrossar a fileira daqueles que lutavam contra o regime monárquico, e que depois lutaram contra a linha escolhida pela República.

Apesar de raphaelista, por formação, não deixou de participar nos Salões dos Humoristas, e de camaradar com aquela juventude irreverente dos modernistas. A par da sua actividade de caricaturista, foi também aguarelista e ilustrador.

Rocha Vieira

Alfredo Carlos da Rocha Vieira, nascido em 1883, é um humorista de relevo na República, com um trabalho intenso no suplemento do «Século», do qual seria director. Podem-se também encontrar trabalhos seus nos jornais «Sports Ilustrado», «A Batalha», «A Renovação», «Europa», «Espectro», «A. B. C. a Rir», «Sempre Fixe», «Diário de Notícias»...

Possuidor de um traço académico, tinha um agudo sentido de humor e de camaradagem, pois foi o porto de muitos daqueles que se queriam lançar no humor gráfico. Ele tentava ajudá-los e orientá-los.

A sua vida foi basicamente o trabalho jornalístico, no qual, para além da caricatura, havia a ilustração infantil, onde conquistou a admiração. Morreu em 1947.

Hipólito Collomb

Hipólito Collomb é outro dos humoristas de relevo nestes anos 10, sobre o qual quase nada se sabe. Nasceu em 1892, começa a trabalhar nos «Rídiculos» em 1908, e entre 1910 e 18 está n'«O Século», altura em que desaparece da vida artística, supondo-se que tendo emigrado para o Brasil.

EU!



A obra governamental das competências militares

A REUNIÃO PLENÁRIA DA UNIÃO REPUBLICANA

Extrato do discurso do chefe:
"É preciso gastar muito, gastar... com critério,
mas gastar lá onde largar..."



É! — Gostar... P'ra cá vem de repente... De ali quizasam gostar, cortave o'cabello,
tenure um bombô e compere um fotecho de verde...

N.º 27 (149) — 2.º ANHO

Terça-feira 16 de Maio de 1911

PREÇO 20 RS

COZÉ



Vem comprar este momento
Não se vá gelado

Castelo de cartas



Os monarcas, ao destruo
Que se ve a este painel
São eram de carne e osso
Eram belos de papel!

A queda da monarquia... do Rio de Janeiro
SC - 2/11/1918

SEMPRE FRENTE AOS LÍDRIS QUINZE AVULSOS DO MÊS (Sáb.-dom. 27 e 28 de maio de 1937)

O SECULO

SUPLEMENTO HUMORISTICO

XANTAR INDIXESTO

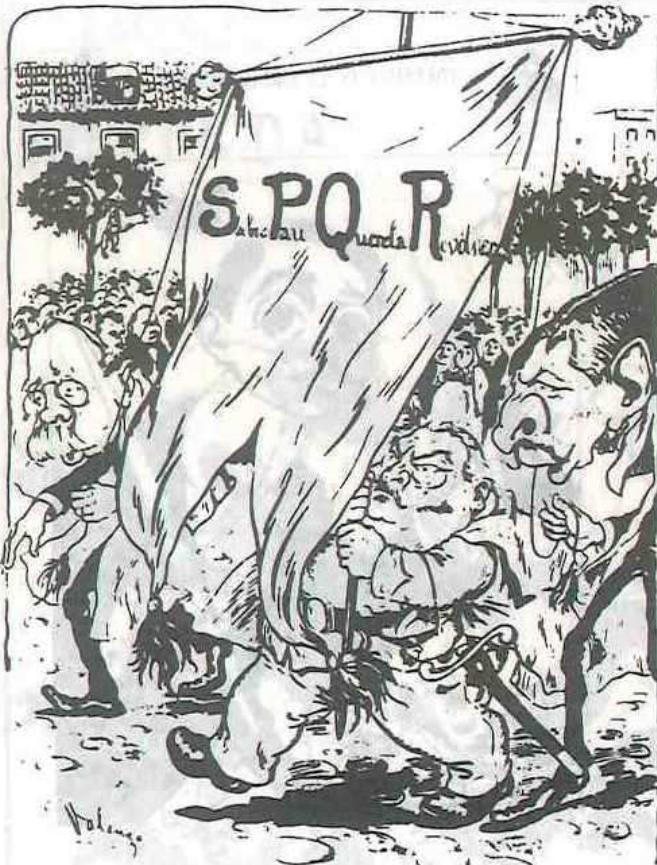


- Para a direita / Para a esquerda também!



A revolta dos cafés

A PROCISSÃO

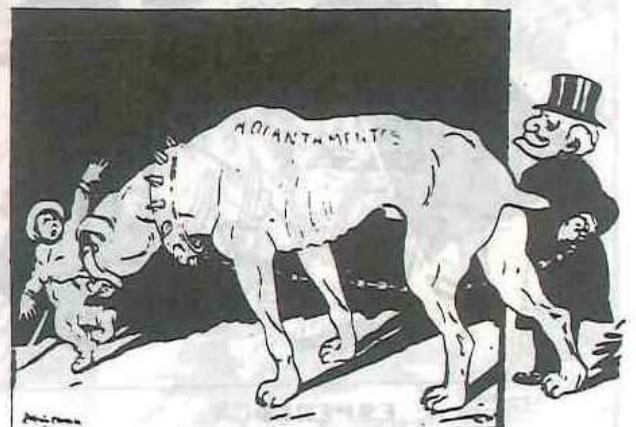


Afasta, povinho, afasta,
Deixa passar o pândalo;

Dêis um para o programa
Liberal concentração!

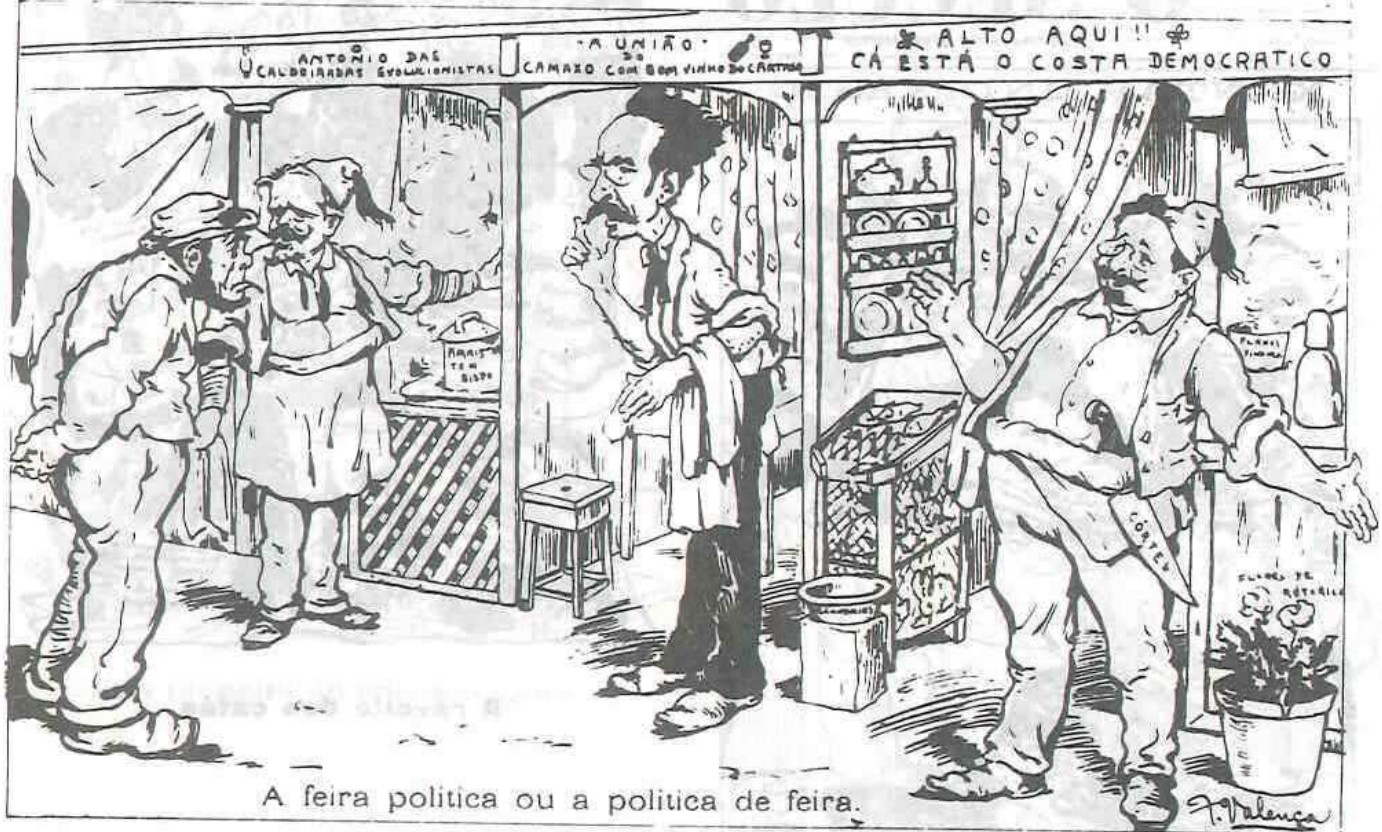


(Ao ouvido do leitor)



O tal cãozinho ...

O MOSCARDO



A feira politica ou a politica de feira.



ESPERANÇA

E agora, bom favor de me tirar estas algemas



C. M. D.

Um procurador de causas perdidas

Apos o 5 d outubro



Bebam, que lhes dou eu!

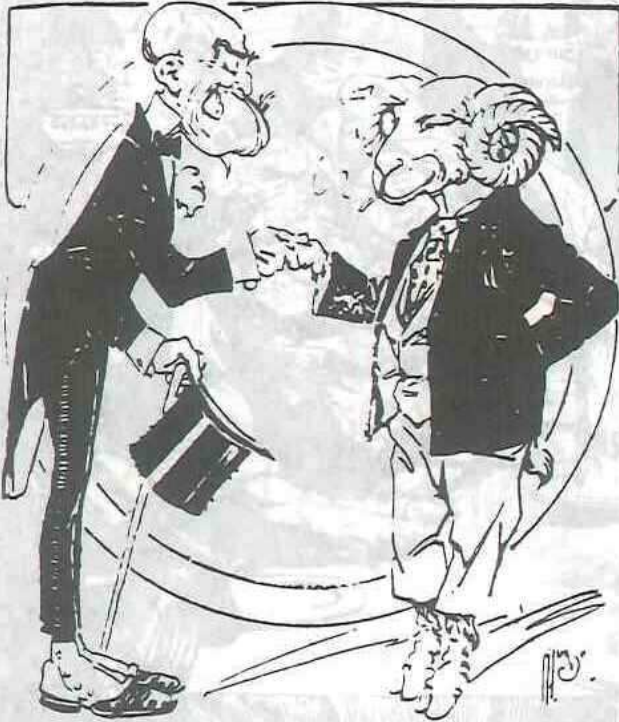
Vinte e sete mezes depois



Tomem, que lhes dou Eu!

Propaganda eleitoral com o sr. Carneiro!

(Som batatas, que estão caríssimas!)



— "Meu querido Carneiro, amigo de todos os actos eleitoraes, faça os meus cumprimentos á Ex.^{ma} D. Ovelha e muitos beijinhos nos borrequinhos!"



O CALVARIO DO ZÉ



O senhor Zé Soberano vae votar!



Em quem vota? Mysteriol



PELA BOCCA MORRE O "PEIXE"...



O que combateu a colligação franco-progressista, em 1906, mordeu no mesmo laco...

Porém, em 1914 «A República» publicou uma entrevista, onde ele expressa o seu pensamento: «Qual é o primordial objecto da caricatura? Corrigir, reformar.»

«A política é o maior e mais perigoso mal dos que enfermam a sociedade portuguesa.»

«Logicamente, portanto, a questão representa um silogismo: A política é prejudicial. A caricatura corrige-a. Logo deve fazer-se a caricatura política.»

«A caricatura é, pois, um corolário da política.

Vá lá até o gracejo, com ar de paradoxo: porque «a política é a arte de dirigir os povos», a política e a caricatura são artes correlativas.»

« - ... - O que é preciso neste género, como nos outros, é ter os predicados adstrictos à caricatura em geral: a observação na expressão exacta dos caracteres, nas suas maneiras de ser moral e social, a grandeza filosófica, o humorismo reflectido, ou ainda simplesmente o espírito, inferidos da legenda, num conceito, nas propriedades da análise e da síntese ou da crítica, subordinando-lhes uma forma gráfica adequada.»

«Acho dever declarar-lhe indispensável ao género político o pessoal - o artista deve possuir a preciosa e rara faculdade da receptividade, que Bordalo Pinheiro possui inegável - porque não poderá infalivelmente eximir-se à representação de personagens reais, indivíduos determinados - visto que a imaginação nem sempre alcança conceber símbolos - pois que são eles que fazem as chapeladas, que berram nas câmaras, que compõem os ministérios, e ainda, os que nos podem fazer prender por abuso de liberdade de imprensa...»

«São eles a política, esta é apenas o efeito dos seus gestos e acções. Se prevaricarem, urge castigá-los, apontá-los...»

Abel Salazar

Segue-se mais uma referência a um médico-artista, que sem ter sido uma figura eminente na intervenção político-caricatural, deu o seu contributo para o reconhecimento da arte da caricatura.

Natural de Guimarães (onde nasceu a 19 de Julho de 1889), licenciou-se pela Faculdade de Medicina do Porto, com doutoramento na mesma Universidade em 1915. Destacar-se-ia na investigação da Histologia

e Embriologia, com contributos reconhecidos internacionalmente. Teria graves problemas com a ditadura salazarista e viria a morrer em 1946.

Se a arte surge na sua vida como expressão no lazer, como «criação de férias», ele concilia o ser artista e cientista na sua visão do mundo, na filosofia que rege o pensamento. O materialismo, como anseio do real, enlaça-se com o sonho, e a arte para Abel Salazar ultrapassa as visões científicas geometrizes, porque ela «não consiste em fazer novas combinações com as matemáticas já conhecidas. Isso qualquer pessoa poderia fazê-lo, mas as combinações que se poderiam obter assim em número infinito e o maior número seria em absoluto destituído de interesse». Por outras palavras, seria uma arte de amador, o que não acontece com a obra deste «amador», por pouca disposição de tempo.

Na sua obra, o esquema é dinâmico, com um ritmo de composição rigoroso, onde a figura, como linha e volume, traduzem a ansiedade dramática do seu espírito de homem, que vive os sentimentos da humanidade, como médico-artista.

A cor perde muitas das vezes a prioridade, para provocar apenas as atmosferas, dissecando os corpos como contornos, para exprimir o quotidiano obreiro, as emoções da figura na rua, onde a mulher e a sua sensualidade têm lugar marcante. Autodidacta, soube dominar as técnicas do óleo, carvão e lápis, para traduzir a visão, que no desenho transformou-se num verdadeiro diário de imagens. O neopositivismo da sua arte e filosofia antecipam o neo-realismo na nossa arte.

Após este longo discurso sem falar em humor ou caricatura, perguntar-se-ão os leitores, porque é que estou a falar de Abel Salazar. Existem, no entanto, duas razões: entre a sua obra encontra-se uma boa série de caricaturas (do período dos Salões dos Humoristas, em que participou) de grande qualidade, o seu realismo, como conceito de modificação nas relações entre o artista e a natureza, raia o caricatural, como caligrafia do realismo social, muitas das vezes panfletário, como o é a sátira.

O ser satírico ou caricatural nem sempre é uma técnica: é fundamentalmente uma expressão, um sentir. ■